

AUTOPRODUÇÃO DO ESPAÇO E NARRATIVAS DA RESISTÊNCIA EM DOIS ESTUDOS DE CASO: OCUPAÇÃO ESPERANÇA NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE/MG E A COZINHA SOLIDÁRIA DO MTST NO ITATIAIA EM MONTES CLAROS/MG

Júlia Fernandez Canuto¹

RESUMO

O presente trabalho resulta de uma pesquisa aprofundada sobre a autoprodução do espaço, iniciada na graduação e continuada no mestrado. O estudo principal é construir um paralelo entre dois contextos: a Ocupação Esperança na Região Metropolitana de Belo Horizonte, explorada no Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo intitulado “A Linguagem da Autoprodução do Espaço: uma proposta decolonial a partir da extensão universitária”, e a Cozinha Solidária do Itatiaia, um projeto do MTST em Montes Claros, analisado na dissertação de mestrado “Autoprodução do Espaço em Montes Claros - MG: O cotidiano da Cozinha Solidária do Itatiaia do MTST”. Este artigo se concentra na análise comparativa dos dois contextos, de forma a correlacionar os resultados das pesquisas sobre autoprodução que emergem das narrativas nos dois territórios. O conceito teórico de autoprodução é então mobilizado para a investigação empírica do que surge como autoprodução nesses territórios. Os métodos, os territórios estudados e seus contextos são detalhados para construir uma análise comparativa, compreendendo as especificidades da autoprodução do espaço e a importância de investigá-la em diferentes contextos.

¹Doutoranda e mestre em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Pesquisadora do Núcleo Cidadino (Unimontes). ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0561-2644>. E-mail: juliafcanuto@gmail.com.

Palavras-chave: Autoprodução do Espaço; Ocupação Urbana; Cozinha Solidária.

SELF-PRODUCTION OF SPACE: NARRATIVES OF RESISTANCE IN TWO CASE STUDIES – OCUPAÇÃO ESPERANÇA IN THE METROPOLITAN REGION OF BELO HORIZONTE AND THE COZINHA SOLIDÁRIA DO ITATIAIA OF THE MTST IN MONTES CLAROS, MG.

ABSTRACT

This work results from an in-depth research on the self-production of space, initiated during undergraduate studies and continued in the master's program. The main objective of this study is to draw a parallel between two contexts: the Esperança Occupation in the Metropolitan Region of Belo Horizonte, explored in the Final Undergraduate Project in Architecture and Urbanism titled "A Linguagem da Autoprodução do Espaço: uma proposta decolonial a partir da extensão universitária", and the Itatiaia Solidarity Kitchen, an MTST project in Montes Claros, analyzed in the master's thesis "Autoprodução do Espaço em Montes Claros - MG: O cotidiano da Cozinha Solidária do Itatiaia do MTST". This article focuses on a comparative analysis of the two contexts, correlating findings on self-production that emerge from narratives in both territories. The theoretical concept of self-production is then applied to the empirical investigation of what manifests as self-production in these territories. The methods, studied territories, and their contexts are detailed to build a comparative analysis, aiming to understand the specificities of self-production of space and the importance of investigating it across different contexts.

Keywords: Self-production of space; Urban Occupation; Solidarity Kitchen.

AUTOPRODUCCIÓN DEL ESPACIO: NARRATIVAS DE RESISTENCIA EN DOS ESTUDIOS DE CASO – OCUPAÇÃO ESPERANÇA EN LA REGIÓN METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE Y LA COZINHA SOLIDÁRIA DO ITATIAIA DEL MTST EN MONTES CLAROS, MG.

RESUMEN

Este trabalho resulta de uma investigação profunda sobre a autoprodução do espaço, iniciada durante os estudos de pré-graduação e continuada no programa de mestrado. O objetivo principal deste estudo é estabelecer um paralelo entre dois contextos: a Ocupação Esperança na Região Metropolitana de Belo Horizonte, explorada no Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo intitulado "O Lenguaje de la Autoproducción del Espacio: una propuesta decolonial desde la extensión universitaria", e a Cozinha Solidária de Itatiaia, um projeto do MTST em Montes Claros, analisado na tese de mestrado "Autoproducción del Espacio en Montes Claros - MG: El cotidiano de la Cocina Solidaria de Itatiaia del MTST".

Este artigo se centra em um análisis comparativo de ambos contextos, correlacionando hallazgos sobre la autoproducción que emergen de las narrativas en ambos territorios. El concepto teórico de autoproducción se aplica a la investigación empírica de lo que se manifiesta como autoproducción en estos territorios. Se detallan los métodos, los territorios estudiados y sus contextos para construir un análisis comparativo, con el objetivo de comprender las especificidades de la autoproducción del espacio y la importancia de investigarla en diferentes contextos.

Palabras clave: Autoproducción del espacio; Ocupación Urbana; Cocina Solidaria.

INTRODUÇÃO

Como citado anteriormente, este trabalho² é parte de um extenso processo de pesquisa sobre a autoprodução do espaço, iniciado na graduação e aprofundado no mestrado. O estudo tem como objetivo principal construir um paralelo entre os dois campos estudados, analisados por meio de entrevistas resultantes de etnografias. Dessa forma, busca-se comparar os resultados obtidos a partir das narrativas das interlocutoras, a fim de compreender as atividades essenciais que caracterizam a autoprodução nesses diferentes contextos.

O primeiro contexto surge da experiência na graduação em Arquitetura e Urbanismo³, durante a qual, por três anos, pude contribuir como extensionista no antigo Escritório de Integração⁴, participando dos processos de assessoria técnica

² Este estudo está vinculado ao projeto financiado pela FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

³ Graduação em Arquitetura e Urbanismo (2017-2020) na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

⁴ O Escritório de Integração é um núcleo de extensão, pesquisa e ensino do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil. Numa primeira fase de

direta a grupos sociais organizados e a territórios autoproduzidos localizados na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Ao longo desse período, os trabalhos foram desenvolvidos dentro do projeto “PROSA: Escola de Formação de Autoprodutores em Processos Socioambientais”, com foco em acompanhar os processos que ocorrem na fricção de saberes entre técnicos e autoprodutores. A partir dessa experiência, as primeiras inclinações de pesquisa visaram entender e identificar os diferentes tipos e instrumentos de linguagem requeridos nos momentos de assessoria. Na tentativa de avançar nessa discussão, desenvolvi o Trabalho Final de Graduação intitulado “A Linguagem da Autoprodução do Espaço: uma proposta decolonial a partir da extensão universitária”.

Como consequência das práticas nos territórios e das discussões na academia, surgiram inquietações sobre a necessidade de compreender, de fato, o que é a autoprodução e as especificidades do cotidiano desse modo de produção do espaço. Dessa forma, a intenção foi entender a autoprodução a partir das experiências nas ocupações urbanas da Região Metropolitana de Belo Horizonte, especificamente na Ocupação Esperança. Este assentamento na Região de Izidora foi o local onde parte das atividades de extensão ocorreram, em um contexto de intenso conflito fundiário, onde a autoprodução é uma luta diária pelo direito à cidade. Assim, o objetivo principal do trabalho foi entender esse universo segundo as falas e perspectivas dos próprios moradores.

Na pesquisa para o trabalho final de graduação, foi a primeira vez que, na busca por compreender o cotidiano da autoprodução do espaço, desenvolveu-se uma metodologia baseada em outras experiências focadas no cotidiano. Um dos

atuação, no início dos anos 90, atendia a demandas da Arquidiocese de Minas Gerais - sobretudo projetos arquitetônicos de equipamentos comunitários. Numa segunda fase, coincidente com as primeiras iniciativas de redemocratização do planejamento urbano e habitacional no país, ocupou-se de projetos habitacionais, da recuperação de áreas urbanas e de programas de formação de trabalhadores da construção civil, mediante convênios com instituições públicas. Em sua fase atual, à margem e às vezes contrariamente ao Estado neoliberal, presta assessoria técnica direta a grupos sociais organizados em luta pelos direitos à moradia e à cidade; e, principalmente desde 2014, a moradores de ocupações urbanas na Região Metropolitana de Belo Horizonte. (Zerlotini et al., 2017). A partir de 2020, atua de forma mais autônoma em relação ao Projeto Político Pedagógico do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas, como grupo de ensino, extensão e pesquisa: Produção do Espaço Urbano nos Brasis.

trabalhos de referência foi o do cientista social Michel de Certeau, que, junto com Luce Giard e Pierre Mayol, realizou as “socio-histórias” (Certeau et al., 2009). Eles acompanharam a história de três gerações de uma família em um bairro operário de Lyon, na França, por meio de entrevistas que relacionavam as histórias familiares às práticas no bairro ao longo do tempo. Na segunda parte do estudo, exploraram as práticas cotidianas dentro da cozinha, ouvindo as vivências de mulheres. Esse enfoque nas práticas cotidianas buscou compreender os diversos processos, relações e a “abundância inventiva” (Certeau et al., 2009) nas atividades de morar e cozinhar.

“A Invenção do Cotidiano” (Certeau et al., 2009) é um destaque nas Ciências Sociais e na Antropologia Urbana. No entanto, Certeau, Giard e Mayol analisaram o cotidiano de uma família em Lyon. Considerando que esta pesquisa visava entender as atividades geradoras em um cotidiano de luta pelo direito à cidade, foi necessário buscar autores brasileiros que exploraram o cotidiano de grupos sociais semelhantes. Nesse contexto, o método de alfabetização de adultos de Paulo Freire foi a principal referência metodológica, dada a sua proximidade social e estratégias para produzir conhecimento a partir do cotidiano. O método de Freire, implementado pela primeira vez em Angicos, no Rio Grande do Norte, começou com o “levantamento do universo vocabular,” onde a equipe participava do cotidiano da comunidade para compreender seu modo de vida pela perspectiva das próprias pessoas.

Para entender a autoprodução como um conjunto de práticas cotidianas, a metodologia deste trabalho se inspirou no levantamento do universo vocabular de Paulo Freire, buscando identificar as atividades geradoras no universo da autoprodução. Com essas diretrizes, foi realizado um levantamento baseado em entrevistas narrativas na Ocupação Esperança.

Em resumo, o trabalho consistiu em analisar entrevistas realizadas anteriormente por equipes do Escritório de Integração durante a assessoria técnica na Ocupação Esperança. Foram selecionados moradores de referência por sua presença na história da ocupação e engajamento na luta. Após a análise,

realizou-se uma oficina com professores, alunos e extensionistas que participaram das entrevistas, onde foram elaboradas etiquetas ajustadas com base nos conceitos emergentes dos dados e das perspectivas dos entrevistados. Esse processo resultou em debates produtivos, culminando na identificação do universo da autoprodução, suas categorias essenciais e as atividades realizadas pelos autoprodutores, revelando suas práticas cotidianas na produção do espaço. Ao todo, foram identificadas dez atividades geradoras essenciais da autoprodução do espaço em uma ocupação urbana: apropriar da terra, tomar conta do terreno, resistir no lugar, reivindicar direitos, organizar a ocupação, planejar o lugar, saber fazer, construir a casa, economizar na construção da casa e aumentar a casa.

Ao considerar a autoprodução como uma continuidade de processos singulares de produção do espaço, sempre em transformação, as inquietações para compreender as atividades geradoras centrais desse modo de produção não se limitaram a um único território. Nesse sentido, as inclinações para a pesquisa, iniciadas na graduação, permaneceram na dissertação.

Em um segundo momento, ao retornar a Montes Claros como mestrande no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) da Unimontes⁵, a primeira intenção para elaboração do projeto de pesquisa foi buscar as características da autoprodução em algum bairro periférico da cidade. Foi quando conheci a Cozinha Solidária do Itatiaia, um projeto do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Neste local, moradores, junto com o movimento, ocuparam um antigo salão ocioso e, através da autoprodução, transformaram em uma cozinha solidária que atualmente produz aproximadamente 300 marmitas gratuitas, distribuídas três vezes por semana.

Com base no argumento de que a autoprodução não se limita à construção da unidade habitacional, mas se expande para ações coletivas que incluem planejar, negociar, construir e vivenciar o espaço (não necessariamente nessa ordem), os trabalhadores e trabalhadoras das cozinhas solidárias autoproduzem o espaço ao

⁵ Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), iniciado em 2022 e concluído em 2024.

se apropriarem cotidianamente dele, conferindo-lhe um uso diferente do inicialmente planejado por técnicos especialistas,

Nesse novo contexto, com maior maturidade e tempo de dedicação à pesquisa, emergiram outras perspectivas a partir das especificidades do próprio território. Ao entrevistar mulheres trabalhadoras da Cozinha Solidária do Itatiaia, percebeu-se que as atividades geradoras essenciais que constituem o levantamento do universo da autoprodução estão, principalmente, relacionadas aos trabalhos reprodutivos, considerados trabalhos de cuidado. A possibilidade de uma etnografia mais concisa, construída desde o início, possibilitou novas reflexões sobre a autoprodução, além de destacar a centralidade da atuação de um movimento social como o MTST, trazendo outras análises.

Fundamentado na análise das entrevistas narrativas conduzidas com três trabalhadoras de referência na Cozinha Solidária: Dona Cristina, Dona Regina e Dona Zilda⁶, explorou-se a intersecção entre a trajetória de vida dessas mulheres, a história da cozinha e o cotidiano. Foram identificadas dez atividades geradoras essenciais que compõem a autoprodução nesse espaço: dar origem, apropriar do espaço, engajar na luta, organizar e planejar a Cozinha, usar a fala, saber fazer, correr atrás, cuidar, apoiar com os próprios recursos e construir relações, sentir.

Com base nos resumos prévios das duas pesquisas mencionadas, o foco deste artigo é centrado na construção de uma análise comparativa dos dois trabalhos, correlacionando os resultados dos levantamentos da autoprodução que emergiram das narrativas presentes nos dois territórios.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Divida o texto em seções e subseções conforme a necessidade. Os títulos devem ser apresentados em caixa alta e negrito, enquanto os subtítulos em caixa alta e baixa, também em negrito. A fonte para todo o texto do artigo deve

⁶ As entrevistas realizadas para o trabalho foram descritas e aprovadas pelo Comitê de Ética 5146 - Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética 76119423.9.0000.5146.



permanecer em Arial, tamanho 12, espaçamento entrelinhas de 1,5 e alinhamento justificado. O tamanho 10 deve ser aplicado para citações diretas longas, notas de rodapé, título e fonte de imagens, tabelas e quadros.

Segundo Henri Lefebvre (1976), o espaço estaria essencialmente vinculado com a reprodução das relações sociais de produção. Dessa forma, o autor defende que o espaço deve ser compreendido sempre associado à prática social, no sentido em que os atores sociais, ao produzirem e reproduzirem a vida cotidiana, acabam por produzir o espaço. Assim, a construção das relações socioespaciais origina múltiplas formas de apropriação do espaço, e também os próprios conflitos. A partir de estratégias de apropriação capitalista, as formas de produção do espaço desempenham um papel fundamental para manutenção das relações de domínio e acumulação. Nesse contexto, as relações socioespaciais são intrinsecamente condicionadas à alienação, onde o valor de troca sobrepõe o valor de uso. Essa dinâmica tem como consequência a formação de cidades segregadas, com acentuadas desigualdades econômicas e má distribuição de recursos.

Insurgir-se significa, a partir de uma inconformidade, promover uma reação ao estado geral das coisas; significa contrapor-se aos movimentos hodiernos, surpreendendo aqueles que estão no controle dos processos (Catalão e Magrini, 2017, p.132).

As práticas espaciais insurgentes podem ser compreendidas como um conjunto de ações contra-hegemônicas, mobilizadas para resistir às lógicas dominantes através de estratégias sociais organizativas. Barcellos e Dellagnelo (2013) ao mencionarem o estudo feito sobre as experiências de Sullivan, Spicer e Böhm (2011), sistematizaram que esses autores associam como organizações contra-hegemônicas as práticas de resistência que buscam contestar e escapar à disciplina da ordem do sistema capitalista.

Um espaço torna-se insurgente/contra-hegemônico, por exemplo, quando é ocupado por grupos tipicamente segregados da cidade formal, de maneira a apropriar e gerar práticas espaciais em acordo com as próprias vivências e necessidades, contrário à lógica pré-estabelecida do valor de troca pautado na

valorização do lucro. Ao mesmo tempo em que uma prática espacial insurgente, também pode ser identificada a partir do rompimento e ressignificação daquele lugar, quando outros usos vão surgir a partir do cotidiano, outros modos de produzir e pensar esses espaços, opostos aos idealizados por técnicos especialistas, mas que manifestam-se pela inventividade da autoprodução.

O trabalhador produz o espaço quando dá um outro uso ao espaço planejado pelo arquiteto urbanista. Os comerciantes ambulantes e artistas de rua criam espaços quando ocupam as calçadas, desenhadas pelos técnicos especialistas para o exclusivo deslocamento de pedestres. O morador de uma cidade produz o seu próprio espaço quando constrói sua casa em assentamentos populares em vilas, favelas, loteamentos, etc. Esse mesmo morador produz espaço quando ocupa a rua para uma manifestação ou para exigir os seus direitos. A autoprodução do espaço é uma prática política! (Zerlotini da Silva, 2020, p. 08).

Com base no argumento de que a autoprodução não se limita à construção de unidades habitacionais, mas abrange ações coletivas como planejar, negociar, construir e vivenciar o espaço (não necessariamente nessa ordem), tanto os moradores de ocupações urbanas quanto os trabalhadores de cozinhas solidárias autoproduzem o espaço ao se apropriarem cotidianamente dele, conferindo-lhe um uso diferente do inicialmente esperado pelo modo de produção vigente.

Nesse sentido, os pressupostos teóricos que norteiam este estudo baseiam-se em epistemologias que fundamentam a noção de autoprodução do espaço como práticas cotidianas insurgentes. Essas teorias irão servir de base para a fundamentação empírica, construída a partir das narrativas das moradoras da Ocupação Esperança e das trabalhadoras da Cozinha Solidária do Itatiaia do MTST, explorando também as contradições que originam esse conjunto de atividades produtoras do espaço.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Apresente subtópicos ou subseções conforme a necessidade. A fonte para todo o texto do artigo deve permanecer em Arial, tamanho 12, espaçamento entrelinhas de

1,5 e alinhamento justificado. O tamanho 10 deve ser aplicado para citações diretas longas, notas de rodapé, título e fonte de imagens, tabelas e quadros.

Apesar de seguir uma estrutura metodológica semelhante, os diferentes contextos dos campos trouxeram detalhes que influenciaram diretamente os resultados das pesquisas.

No primeiro momento, apesar de já ter proximidade com o campo desde antes do início da investigação, o período em que o trabalho seria realizado, com foco nas narrativas, coincidiu com a pandemia de COVID-19, que, por razões de segurança, impediu a realização do trabalho de campo. Para cumprir os prazos da universidade, a metodologia precisou ser adaptada. As entrevistas narrativas, que seriam analisadas com base no material colhido diretamente no campo, necessitaram de ajustes. Como não foi possível realizar o trabalho de campo e a comunicação com algumas moradoras era quase inviável, decidiu-se realizar a interpretação a partir das entrevistas narrativas já existentes. Essas entrevistas haviam sido realizadas anteriormente por extensionistas do Escritório de Integração, para o Levantamento Socioespacial. A interpretação foi orientada por perguntas norteadoras ao ler as entrevistas, e observou-se que algumas fugiam do teor narrativo, além de haver interrupções dos entrevistadores.

Já no segundo momento, com as cozinheiras da Cozinha Solidária do Itatiaia e a possibilidade de estar em campo, criando uma relação de observação participante, as entrevistas puderam ser realizadas conforme o planejado, com perguntas norteadoras que abriam espaço para as falas sem interrupções que direcionassem os discursos. Isso permitiu uma análise mais rica das potencialidades e contradições presentes em cada narrativa.

Um dos grandes avanços dos dois trabalhos foi a elaboração de uma metodologia de levantamento que combina aspectos de uma etnografia e de um mapeamento, como forma de interpretar o cotidiano da autoprodução do espaço. O foco da primeira experiência não era a formulação de uma teoria, mas sim refletir a partir das falas das moradoras de uma ocupação urbana, interpretando essas

experiências por meio das atividades desenvolvidas na assessoria técnica da extensão universitária. O principal desafio era definir uma metodologia que capturasse da forma mais fiel possível a realidade da produção do espaço.

Nesse sentido, as entrevistas narrativas tornaram-se a ferramenta de aproximação escolhida, mas o desafio era interpretá-las adequadamente. Das entrevistas documentadas e transcritas, foram selecionadas três moradoras: uma das primeiras ocupantes, a atual liderança da ocupação e uma terceira moradora que, embora não estivesse presente no início, desempenha um papel ativo na coordenação atual. A interpretação da autoprodução baseia-se nas vivências dessas mulheres, levando em consideração suas perspectivas de gênero, suas idades (todas com mais de 40 anos), posições de liderança política e social, condições socioeconômicas e as especificidades da ocupação urbana em questão.

Para interpretar as entrevistas, utilizou-se a codificação, uma etapa da "Grounded Theory" (Tarozzi, 2011), que analisa os dados coletados em campo em diferentes fases. A primeira etapa consistiu na transcrição literal das entrevistas, visando extrair o máximo de informações possíveis dos dados coletados. O uso fiel das palavras das moradoras nas transcrições foi fundamental para garantir que suas falas fossem respeitadas.

A transcrição das entrevistas faz parte do processo de codificação, um trabalho interpretativo que exige a redução de uma comunicação complexa, que ocorre em vários níveis (linguístico, paralinguístico, proxêmico, cinético, sociocultural), para um código linguístico verbal. Para respeitar o fenômeno estudado, essa transcrição precisa ser realizada com o máximo de rigor e descrição, sem juízos de valor, conceitualizações ou envolvimento emocional (Tarozzi, 2011, p.126).

Ao retornar à aplicação do método, após a transcrição das entrevistas, foram elaboradas perguntas norteadoras para guiar a análise e busca de respostas. Como o objetivo era compreender a linguagem da autoprodução, as perguntas formuladas incluíram: quais aspectos presentes nas falas das moradoras caracterizam a autoprodução em suas práticas e especificidades? Quais atividades geradoras são mais significativas no cotidiano da autoprodução? Com base nessas questões, o próximo passo foi analisar as transcrições por meio da codificação aberta.

A codificação aberta consiste em reler o texto, adicionando etiquetas que conceituam os trechos que respondem às perguntas norteadoras. Nesse caso, as etiquetas foram baseadas na identificação das atividades geradoras e dos sujeitos envolvidos nos processos, de acordo com o relato das moradoras.

Exemplo de etiquetagem:

- **Entrevistadora 1:** O genro da senhora veio pra cá?
- **Moradora 1:** "É, ele tinha pegado esse lado, mas depois que minha filha teve câncer, teve que vender. Aí ele voltou e disse que já tinha cercado um lote para mim e outro para ele, e eu teria que ir para tomar conta. Eu respondi: 'Como vou morar lá? Não tenho nada, nem pau, nem lona'. E ele disse que arrumaria tudo."

Etiquetas atribuídas:

- **Atividade geradora:** vender (no sentido de desfazer o lote por necessidade), cercar (demarcar o lote), arrumar (os materiais), tomar conta (cuidar e proteger o lote).

(Canuto, Júlia Fernandez. Dissertação de Mestrado, 2024)

Após esse processo inicial, foi realizada uma oficina com os extensionistas que participaram das entrevistas ou desenvolveram trabalhos na Ocupação Esperança. Na primeira etapa, as transcrições foram enviadas aos participantes, que fizeram a etiquetagem com base em suas próprias interpretações, sustentadas pelas perguntas norteadoras. Posteriormente, as etiquetas foram debatidas para comparar, avaliar e ajustar as interpretações de acordo com os dados e as diferentes perspectivas dos participantes.

A próxima etapa foi identificar as etiquetas mais relevantes, visando compreender a linguagem da autoprodução a partir das falas das moradoras. Esse processo resultou em quatro debates virtuais entre professores e alunos, que culminaram no levantamento das categorias essenciais da autoprodução e nas atividades geradoras desempenhadas pelos sujeitos autoprodutores. As práticas cotidianas desse modo de produzir o espaço foram reveladas e decodificadas nesta fase, chamada de codificação fechada.

Para representar visualmente os resultados, as categorias e atividades geradoras foram organizadas em um diagrama esquemático. No total, foram identificadas dez atividades geradoras essenciais da autoprodução em uma ocupação urbana: apropriar da terra, tomar conta do terreno, resistir no lugar, reivindicar direitos, organizar a ocupação, planejar o lugar, saber fazer, construir a casa, economizar na construção da casa e aumentar a casa.

Na pesquisa sobre a autoprodução do espaço na Cozinha Solidária do MTST, o desenvolvimento do estudo se consolida por meio da caracterização da autoprodução do espaço e suas especificidades, com base no território e nas atividades cotidianas das trabalhadoras da Cozinha Solidária do Itatiaia (MTST). Desta vez, a interseção entre as trajetórias de vida dessas mulheres e a própria história de consolidação da Cozinha Solidária foi o ponto central para a formulação da pergunta norteadora que guiou todo o trabalho.

Se no primeiro estudo as interpretações focaram na ocupação urbana, neste segundo, as trajetórias de vida das mulheres permitiram aprofundar questões que vão além da produção cotidiana do espaço, mobilizando diferentes esforços teóricos, mas que ainda se manifestam na forma como elas participam e se tornam autoprodutoras da Cozinha Solidária do Itatiaia. Não por coincidência, também foram selecionadas três trabalhadoras militantes, mulheres de referência na Cozinha, assim como foi feito na pesquisa anterior sobre a Ocupação. Isso trouxe à tona reflexões sobre como a questão de gênero está intrinsecamente ligada aos movimentos sociais de luta por direitos, como o direito à moradia, à segurança alimentar e à cidade.

Assim como na primeira experiência, a entrevista narrativa e a interpretação por meio da codificação aberta foram aplicadas como metodologia. A diferença desta vez foi a qualidade das entrevistas narrativas, que foram conduzidas de forma mais fiel ao que o método propõe. A pergunta norteadora solicitou que as entrevistadas compartilhassem suas trajetórias de vida. Curiosamente, não foi necessário direcioná-las para falar sobre a história da Cozinha Solidária. A relevância desse tema para elas foi tão natural que, ao narrarem suas vidas, as

trabalhadoras espontaneamente incorporaram suas participações na fundação da Cozinha e descreveram os processos pelos quais passaram até a situação atual.

Após essa etapa, foram feitas algumas perguntas baseadas nas próprias declarações das entrevistadas, não com o intuito de julgá-las, mas para explorar certos aspectos com mais profundidade. Por exemplo, procurou-se entender a rotina dessas mulheres para além da cozinha. O foco foi deixar as narrativas o mais livres possível, valorizando as subjetividades de cada fala. Só depois foi realizado o processo de codificação, com a etiquetagem e, finalmente, o levantamento das categorias.

Esse processo identificou dez atividades geradoras essenciais na autoprodução do espaço na Cozinha Solidária: dar origem, apropriar-se do espaço, engajar-se na luta, organizar e planejar a Cozinha, usar a fala, saber fazer, correr atrás, cuidar, apoiar com os próprios recursos e construir relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos abordados em diferentes contextos, anos e grupos sociais contribuíram para uma compreensão mais ampla sobre a autoprodução do espaço e sua presença no cotidiano, nos saberes e na formação histórica e cultural de uma parcela significativa da população. As análises sobre esse fenômeno vão além de classificá-lo como potencialidade, precariedade, sobrevivência ou prática insurgente. A autoprodução do espaço emerge como uma maneira cotidiana de viver e construir territórios, atravessando diversas etapas e áreas urbanas, sem se restringir apenas a espaços de moradia ou regiões específicas.

Ao contrastar a autoprodução em uma ocupação urbana com a experiência da Cozinha Solidária, evidenciam-se diferenças importantes. Na ocupação urbana, o foco ainda está muito vinculado à unidade habitacional, onde cada atividade essencial se desenvolve à medida que se consolida a segurança territorial. Na Cozinha Solidária, a autoprodução conecta-se às experiências de militância das

trabalhadoras, revelando as contradições intrínsecas aos movimentos sociais e às trajetórias dessas mulheres.

Com maior experiência e o avanço nas entrevistas narrativas, surgiram questões cruciais relacionadas à vivência dessas mulheres, que tornam indispensável considerar aspectos subjetivos de vida, trabalho e militância. No primeiro estudo, as narrativas das moradoras eram ferramentas auxiliares para entender a ocupação, mas não o foco principal, já na Cozinha Solidária a pesquisa desenvolve-se a partir das narrativas, como centro, o que gerou uma análise tanto empírica, quanto a possibilidade de articulação teórica.

Já nesta comparação, observamos como as atividades geradoras na Cozinha Solidária diferem das da ocupação urbana: enquanto a ocupação segue um processo em etapas, na Cozinha Solidária, as atividades são interdependentes e complexas, desafiando categorizações simplistas. Essa análise reforça que, apesar da característica comum de autoprodução, cada espaço possui peculiaridades que não devem ser desconsideradas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.

CANUTO, Júlia Fernandez. **Autoprodução do Espaço em Montes Claros - MG: O cotidiano da Cozinha Solidária do Itatiaia do MTST**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES. Montes Claros, 2024.

CATALÃO, I.; MAGRINI, M. A. **Insurgência, espaço público e direito à cidade**. Revista da ANPEGE, Dourados, v. 13, n. 22, p. 119–135, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5418/RA2017.1322.0005>. Acesso em: 20 de jul. 2024.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano 2: Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.



LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, 190p. (El espacio. In LEFEBVRE, Henri. Espacio y política: El derecho a la ciudad II. Barcelona: Península, 1976).

SULLIVAN, S.; SPICER, A.; BÖHM, S. **Becoming global (un)civil society: counter-hegemonic struggle and the indymedia network**. Globalizations, v. 8, n. 5, p. 703-717, 2011.

TAZORRI, Massimiliano. **O que é Grounded Theory: metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados**. Tradução de Carmem Lussi, - Petrópolis, RJ, 2011: Editora Vozes.

ZERLOTINI DA SILVA, Viviane; PENNA, Alícia Duarte; BITTENCOURT, Eduardo Moutinho Ramalho; LOURENÇO, Tiago Castelo Branco. **Como projetar com pessoas que vivem em áreas socialmente vulneráveis?** Cadernos de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - Universidade Mackenzie, v.18, n. 1, jan./jul. 2018. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/2018.1.Zerlotini>. Acesso em 17 de jul. 2024.

ZERLOTINI DA SILVA, Viviane. **Entre a casa e o trabalho: espaços para reprodução da vida** / Viviane Zerlotini da Silva. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Ed. do Autor, 2020.